

Fanatismo

Roberto D'arte

O início da terceira década do século 21, tão marcado pela globalização tecnológica e virtualização das relações humanas, ainda mantém fortes laços com o obscurantismo religioso da Idade Média. Com outra roupagem, o fanatismo de muitos cristãos das mais variadas igrejas eterniza sentimentos e ações que acreditávamos superados há séculos.

A intolerância religiosa, normalmente carregada de outras tantas intolerâncias na pauta moral, revela com clareza que a caça às bruxas nos tempos da chamada Santa Inquisição foi atualizada com sucesso. O Brasil, por exemplo, vive um de seus piores momentos históricos neste sentido, principalmente pelos recorrentes ataques furiosos às religiões de matriz africana e crimes de agressão e morte contra as chamadas minorias sociais.

O fanatismo religioso é uma das bases do falso moralismo que sustenta as aparências dos que se auto intitulam cidadãos de bem. Esta é a principal tônica da ótima minissérie de suspense e terror “Missa da Meia Noite”, disponível na Netflix em sete episódios numa só tempo-



rada. Dirigida por Mike Flanagan (que também assina os megassucessos “A Maldição da Residência Hill” e “A Maldição da Mansão Bly”), a nova trama se passa nos Estados Unidos na fictícia ilha de Crockett, onde residem apenas 127 pessoas, em sua maioria católicos.

A comunidade da trama, tomada por segredos de família e por histórias de vida tristes, tem na Igreja de São Patrício a sua única referência de aliança social. A misteriosa partida do antigo Monsenhor Pruitt e a súbita chegada de um novo pároco, o Padre Paul, provocam uma reviravolta na vida dos moradores. Acontecimentos sombrios e um aparente milagre ocorrido em plena miséria aguçam a fé e o fanatismo daquela gente simples.

Após os fortes ecos amplificados por dez séculos da Idade Média, com a supremacia absoluta da Igreja Católica e sua fé cristã, eis que emerge na Europa entre o final do século 17 e o final do século 18 o Iluminismo. Um dos mais famosos expoentes dessa corrente filosófica, o alemão Immanuel Kant (1724-1804) ressalta que a volta da hegemonia da razão traz consigo a possibilidade de esclarecimento, que ele chama de “saída do homem de sua menoridade”.

Dizendo-se inspirado pelo filósofo empirista inglês David Hume (1711-1776), Kant enfatizou a importância do “despertar do sono dogmático”, aquele que entorpece as mentes com verdades absolutas e inquestionáveis. Ele, que trouxe as bases para o conhecimento científico nos moldes que conhecemos, ressalta que antes de qualquer afirmação sobre as ideias é preciso questionar a própria

capacidade da razão conhecer a verdade, seja ela empírica ou metafísica.

Na “Missa da Meia Noite”, o atormentado Riley Flynn, que retorna para a sua cidade natal após um “exílio forçado”, é um dos poucos que não se deixam seduzir pelas benesses da fé promotora de milagres. Ainda que tomado por culpa e desesperança, ele carrega a razão iluminista para entender os fatos inexplicáveis que também passa a testemunhar na ilha de Crockett. Sem fé e tomado por um seco ceticismo, o antigo coroinha do Monsenhor Pruitt se vê forçado a entender (e a combater) as manifestações sobrenaturais que aguçaram o fanatismo religioso em seus contrerrâneos.

Sobre as obstinações da fé que potencializam as diversas manifestações de intolerância, o filósofo inglês John Locke (1632-1704) escreveu no livro “Carta sobre a Tolerância” as bases do conceito contemporâneo presente nas Constituições que regem as principais democracias do mundo: a separação entre Estado e Igreja. Em um dos trechos dessa obra, o pensador empirista destaca: “Nenhum indivíduo deve atacar ou prejudicar de qualquer maneira a outrem nos seus bens civis porque professa outra religião ou forma de culto. Todos os direitos que lhe pertencem como indivíduo ou como cidadão são invioláveis e devem ser preservados. Estas não são as funções da religião. Deve-se evitar toda violência e injúria, seja ele cristão ou pagão”. Certamente Locke, se vivesse em nosso tempo, seria um crítico ferrenho de slogans governamentais do tipo “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Na isolada vila de pescadores da minissérie, mesmo não havendo alguém que encarne os preceitos lockianos, o xerife Hassan tenta manter a ordem social e a tolerância, principalmente porque ele mesmo e seu filho adolescente são muçulmanos cuja religião e crenças estão em conflito com os católicos locais. É ele um dos que confrontam Bev Keane, a fanática religiosa que se sente dona da igreja e a voz dos desígnios divinos. Na história de Mike Flanagan a beata encarna o espírito tirânico presente em líderes das mais diversas religiões; aqueles que são capazes das manipulações mais ardilosas e dos atos mais terríveis em nome de Deus.

Considerado um dos grandes representantes do movimento iluminista na França, o filósofo e escritor Voltaire (1694-1778) faz na obra “Tratado sobre a Tolerância” uma crítica aos preconceitos e fanatismos religiosos que conduzem a sociedade à segregação e à barbárie. Na sua concepção, o ser humano é intolerante por natureza, por isso a leis devem ser respeitadas e a igreja precisa se submeter ao poder do Estado, que representa a coletividade em sua esfera civil. Voltaire salienta ainda que a tolerância floresce na sociedade ancorada numa moral iluminada não pela religião, mas pela razão. Nesta sua perspectiva, não se pode definir o ser humano por abstrações como raça, gênero ou orientação sexual, porque o que importa realmente é a pessoa.

Os defensores desses valores civilizatórios têm se sentido um tanto impotentes diante da insistente permanência dessa visão de mundo obscura. Eles sabem, no entanto, que a história da humanidade nunca foi linear. Muitos paradigmas cruéis e nefastos já foram quebrados

se olharmos a vida pela ótica da dialética proposta pelo filósofo Georg Hegel (1770-1831), precursor do Marxismo e do Existencialismo. Como numa espiral, a realidade histórica hegeliana é um contínuo de teses, antíteses e sínteses, sempre indo e voltando, mas nunca se estagnando. A cena final de “Missa da Meia Noite” simboliza bem esta concepção filosófica. Nela resiste a nossa esperança por dias melhores.



Professor de Filosofia da FDV e da ESEDRA, em Viçosa, MG.

Autor do livro **Cinéfilo: entrelinhas filosóficas em obras cinematográficas** (Editora Cajuína, 2018).

E-mail: robertodarte@yahoo.com.br